



A ESTRUTURAÇÃO DA IMAGEM INCONSCIENTE DO CORPO NA INFÂNCIA E SEUS EFEITOS NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

THE STRUCTURING OF THE UNCONSCIOUS BODY IMAGE IN CHILDHOOD AND ITS EFFECTS ON PSYCHIC CONSTITUTION

PAULA, Mônica D. Pacheco de ¹

Resumo: Françoise Dolto foi uma psicanalista Francesa que compôs um método muito particular na análise com crianças, em que por meio da escuta, das modelagens e dos desenhos produzidos pelas crianças nas sessões, percebeu o desvelamento da imagem inconsciente do corpo de seus pequenos pacientes. De forma a contribuir para o entendimento da estruturação da Imagem inconsciente do corpo na infância, baseado principalmente nas teorizações de Dolto, inicialmente será realizada uma revisão bibliográfica dos pressupostos psicanalíticos que se referem ao corpo e suas vicissitudes. Em um segundo momento, adota como essencial o desdobramento do aporte teórico acerca da imagem inconsciente do corpo proposta por Dolto, para então apresentar algumas vinhetas clínicas que demonstram, a partir do discurso e de desenhos, os efeitos organizadores desta imagem inconsciente, a qual Françoise Dolto se refere. Dessa forma, verificou-se a importância das inscrições e dos investimentos transmitidos por aqueles que exercem a função parental na estruturação da imagem inconsciente do corpo da criança.

Palavras-chave: Françoise Dolto. Imagem inconsciente do corpo. Desenhos. Infância. Psicanálise.

¹ Psicóloga. Professora do curso de Psicologia da Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: monicadpp@hotmail.com

Abstract: Françoise Dolto was a French psychoanalyst who composed a very particular method in the analysis with children, in which, through listening, modeling and drawings produced by children in the sessions, she realized the unveiling of the unconscious image of the body of her little patients. In order to contribute to the understanding of the structuring of the unconscious image of the body in childhood, based mainly on Dolto's theorizations, a bibliographic review of the psychoanalytical assumptions that refer to the body and its vicissitudes will initially be carried out. In a second step, it adopts as essential the unfolding of the theoretical contribution about the unconscious image of the body proposed by Dolto, to then present some clinical vignettes that demonstrate, from the discourse and drawings, the organizing effects of this unconscious image, which Françoise Dolto refers. Thus, it was verified the importance of inscriptions and investments transmitted by those who exercise the parental function in the structuring of the unconscious image of the child's body.

Keywords: Françoise Dolto. Unconscious body image. Drawings. Childhood. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se ocupa da temática do corpo em psicanálise, cujas inscrições e investimentos são provenientes do Outro, ou seja, daqueles que exercem as funções parentais, endereçadas ao próprio sujeito.

Baseado principalmente nas teorizações de Françoise Dolto, o propósito desse estudo consiste na investigação sobre a estruturação da imagem inconsciente do corpo na infância, seja na escuta clínica ou pelos meios de projeção, como no brincar, desenhar, jogar, modelar ou contar histórias. Conforme Dolto (2015), para as crianças que não conseguem falar diretamente sobre seus sonhos e fantasmas como fazem os adultos nas associações livres, a imagem do corpo é para elas uma mediação para dizê-los e, para o psicoterapeuta, o meio de reconhecê-los.

Trata-se de um estudo teórico em que, no primeiro momento, apresentará uma revisão bibliográfica de achados teóricos que se referem ao corpo, ao esquema corporal e a imagem do corpo. Nessa perspectiva, adota como essencial o desdobramento do aporte teórico e conceitual de imagem inconsciente do corpo proposta pela psicanalista Françoise Dolto, que trabalhou com crianças na França, para então apresentar algumas vinhetas clínicas que demonstram, a partir de desenhos, os efeitos organizadores desta imagem.

Na tentativa de ressaltar a importância da apropriação da imagem inconsciente do corpo, o estudo lançará mão do seguinte questionamento: Quais os efeitos da estruturação da imagem inconsciente do corpo na infância?

Nesse sentido, para dar conta da problemática em questão, o referencial teórico subdividiu-se em três partes: a primeira trata essencialmente do corpo em que a psicanálise se ocupa: um corpo relacional entre o bebê com aquela que exerça a função materna, apresentando as principais formulações sobre as inscrições primordiais para que a constituição subjetiva aconteça.

A segunda parte explana a teorização proposta por Françoise Dolto sobre suas primeiras formulações acerca da imagem inconsciente do corpo desvelada em sua clínica por meio de expressões espontâneas, de grafismos e modelagens. Traz também os conceitos de esquema corporal e imagem do corpo e os diferencia.

Por fim, a terceira parte se ocupa em contextualizar a importância dos desenhos produzidos em meio a uma relação transferencial, tomados como um importante recurso técnico no desvelar da imagem inconsciente do corpo das crianças que os produzem. Dessa forma, serão elencadas algumas vinhetas clínicas que dão conta de exemplificar e elucidar de que forma as crianças que apresentam uma desorganização desta imagem se mostram frente às suas produções gráficas e discurso, bem como elaboram e (re)organizam esta imagem na medida em que vão elaborando seus conflitos e mudando de posição subjetiva.

2 O CORPO: UMA CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA

O corpo do qual a psicanálise se ocupa vai para além do corpo biológico em que a medicina se ocupa, “[...] pois não é um corpo constatado por sua visibilidade neurobiológica, mas uma imagem do corpo, um corpo construído através de representações.” (CAPOBIANCO, 2003, p. 111).

Sabemos que a posição simbólica da criança pequena em nada tem correspondência com herança genética, não é evolutiva ou instantânea nem se desenvolve, mas, sim, estrutura-se a partir do funcionamento cênico das figuras parentais que transmitem à criança uma herança transgeracional eminentemente simbólica (LEVIN, 2001). Em outras palavras, é o corpo do bebê como o primeiro lugar de significação, onde o Outro faz suposições, investimentos e inscrições. Conforme salienta Jerusalinsky (1990, p. 88):

O bebê recolhe religiosamente, minuciosamente, cada traço, cada marca, cada emissão da voz materna, cada letra e cada gesto, e os solda ao redor de cada buraco que nele se manifesta como substância gozante a boca, o ânus, a orelha, as vias aéreas, a manifestação muscular.

E é esta condição relacional que sustenta e possibilita ao bebê de um corpo subjetivado, que o tira do puro real ou orgânico, para a *posteriori* fazer uma apropriação do esquema corporal, bem como possibilitar a estruturação de uma imagem inconsciente do seu corpo. Aberastury (1982) acrescenta que a imagem do corpo não é um fenômeno estático, mas que se constrói e cria-se, que se constitui no contínuo contato relacional com o mundo. Dessa forma, não tomamos a imagem como uma estrutura, mas como uma estruturação, que vai se transformando sucessivamente na relação com fatos externos e internos.

Segundo Le Boulch (1982), em 1911 o neurologista inglês Henry Head postulou o conceito de esquema corporal, que viria a ser um grande marco referencial. Inspirado na noção de esquema corporal proposta por Head, o termo imagem do corpo foi enunciado pela primeira vez pelo psicanalista vienense Paul Schilder em 1923 (ROUDINESCO; PLON, 1998). Foi Schilder quem deu toda uma dimensão à noção da imagem do corpo, de forma a ultrapassar a realidade neuropsicológica e, com isso, fazendo-se descobrir o aspecto mental e social (LE BOULCH, 1982).

Contudo, foram esses pioneiros, cada um à sua maneira, bem como estudos psicológicos sobre o comportamento do bebê diante do espelho e pesquisas etológicas que inspiraram Jacques Lacan e Françoise Dolto a *posteriori*, assim como outros estudiosos que tratam do tema, porém, em estilos diferentes a trabalhar com a noção psicanalítica que temos hoje do corpo (NASIO, 2009).

Conforme Le Boulch (1982), a corrente mais ortodoxa da psicanálise, e Freud em primeiro lugar, não se ocuparam especificamente do conceito de imagem do corpo, por outro lado, enfatizam a importância do entendimento deste conceito para descrever e compreender o desenvolvimento da personalidade. De acordo com Silva (1997, p. 103), portanto, “[...] foi Freud quem primeiro abriu o caminho para pensar o corpo além da sua dimensão física e biológica, introduzindo seu aspecto psicossexual.”

A partir de seus escritos sobre os Três Ensaios Sobre a Sexualidade, Freud (1905), distanciando-se das teorias vigentes na época acerca da sexualidade, rompeu com a concepção de instinto, introduzindo um novo modo de pensar a sexualidade humana através da noção de pulsão, caracterizada como uma força que tem sua fonte em uma excitação corporal e que age e atua sobre o psiquismo.

3 A IMAGEM INCONSCIENTE DO CORPO: UMA CONCEPÇÃO DE FRANÇOISE DOLTO

Françoise Dolto, criada num meio de alta burguesia, pediatra de formação, nasceu em 6 de novembro de 1908 em Paris e morreu em 25 de agosto de 1988, tendo-nos deixado uma obra original, oriunda das falas e reflexões comandadas pela clínica e pela escuta do inconsciente (LEDoux, 1995).

Dolto propõe dois conceitos fundamentais para formular sua teorização acerca da constituição psíquica do corpo, de um lado a imagem do corpo e de outro o esquema corporal. Dolto refere-se ao termo imagem como uma imagem inconsciente do corpo, que desaparece com a imagem especular (aquela conhecida no espelho) e é fundada na dependência da relação com o outro, tratando-se de uma imagem de sensações internalizadas (DOLTO; NASIO, 2008).

Já o esquema corporal, conforme explica Dolto (2015), não deve ser confundido com a imagem do corpo, define-se como uma realidade de fato, lugar e fonte das pulsões sendo, de certa forma, um viver carnal no contato com o mundo físico. “O esquema corporal inaugura-se no momento do nascimento e se desenvolverá como um corpo real, submetido a leis da fisiologia” (SILVA, 1997, p.105). Dessa forma, a imagem do corpo trata da apropriação inconsciente deste esquema corporal.

Para Dolto (2015), o esquema corporal é o que tem o papel de reportar o corpo atual no espaço à experiência imediata, independente da linguagem. Ele é inconsciente, pré-consciente e consciente, já a imagem do corpo, por sua vez, reporta o sujeito do desejo a seu gozar, mediatizado primordialmente pela linguagem memorizada da comunicação e da experiência relacional sentida e vivida desde o desenvolvimento fetal com o Outro. Contudo, “se o esquema corporal é, em princípio, o mesmo para todos os indivíduos da espécie humana, a imagem do corpo, em contrapartida é peculiar a cada um, está ligada ao sujeito e à sua história” (DOLTO, 2015, p. 14).

4 O DESENHO COMO UM DOS INSTRUMENTOS TÉCNICOS NO DESVELAMENTO DA IMAGEM INCONSCIENTE DO CORPO

Conforme Ferreira (2009), Sophie Morgenstern foi a primeira psicanalista, na França, a usar o desenho como instrumento de análise na clínica com crianças. Segundo Dolto (2010), Morgenstern obteve muitos avanços em sua técnica na clínica, passando a aplicar seu método a todas as crianças que atendia, substituindo pelos desenhos as associações livres oferecidas pelos adultos. “Seu método foi uma colaboração valiosa no campo da análise infantil e o material de desenhos é ainda hoje um dos mais importantes.” (ABERASTURY, 1982, p. 35).

De acordo com Aberastury (1982), a interpretação de desenhos no transcurso do tratamento analítico de crianças, seu significado inconsciente e os símbolos empregados nos desenhos, assim como foi assinalado por Sophie Morgenstern, inspiraram muitos estudiosos como foi o caso de Françoise Dolto, na França.

Dolto não definia uma psicanálise propriamente dita de crianças, pelo contrário, era um psicanalista que praticava a análise com crianças. Para Dolto (2015), a particularidade na análise de crianças se dá justamente pelo nível de significação dos desenhos, aquilo que nos adultos é decifrado a partir de suas associações de ideias sobre um sonho contado, por exemplo, pode ser ilustrado, nas crianças, por aquilo que dizem sobre os grafismos.

A partir desta breve apresentação sobre a importância dos desenhos como recurso técnico utilizado na clínica com crianças, será lançado mão de algumas vinhetas clínicas onde pretende-se demonstrar, dentro da transferência, o desvelamento da imagem inconsciente de crianças em suas produções gráficas.

No primeiro exemplo trata-se de um menino em idade escolar, que foi adotado. A família adotiva, por sua vez, acolhe o menino em razão de um quadro melancólico da mãe, já que a adoção foi motivada pela perda de um filho biológico.

O menino chega ao consultório a pedido da professora, por demasiada inibição em sala de aula, quando solicitado a ler em voz alta para a turma, ele se nega, pede para ir ao banheiro sempre que é convocado, não tem amigos na escola, assim como não consegue trabalhar em grupo com os colegas. Tanto a professora quanto o pai adotivo referem-se ao menino como aquele que tem *língua presa*. Quando desenha, todas as suas primeiras produções gráficas demonstram um tipo de estereotopia nos traços, ele se utiliza de régua e objetos para delinear linhas

rígidas e precisas, manifesta de forma muito clara sua inibição e uma alienação frente ao outro, o desenha a si próprio como imagem e semelhança a seu pai adotivo, com características particulares que evidenciam a profissão que o pai se ocupa, bem como desenha uma grande estrutura de casa. Desenha aquilo que seu pai, numa posição de benfeitor, descrevia quando dizia a ele o quão de sorte ele era por ter uma boa casa para morar. O menino desenha a casa, mas não um lar, falta-lhe elementos básicos como janelas, portas, fechaduras, e principalmente interpretamos que lhe falta o sentimento de pertencimento aquela família.

Nesta vinheta, os desenhos contam da alienação frente aquele que exerce a função paterna, de forma opressora, tomando o menino como um mero tamponador no lugar de um filho que acabara de falecer. Desta forma, tudo que o garoto conhecia de sua história, de seu corpo, ou era seu por apropriação das inscrições remetidas pela família anterior e precisava ser esquecida, ou seja, recalçadas e presas no inconsciente, assim como a *“língua presa”*.

Se inicialmente, o menino alienado as fantasias da família adotiva, desconhecendo-se em suas produções gráficas e acompanhado pela sensação de ter algo trancado em sua garganta, significante representado sobre o investimento desta família adotiva no apagamento de seu EU e de sua imagem inconsciente, a qual já fora estruturada e organizada em sua família de origem. Na medida em que ele vai se desvencilhando da angústia, seja a partir das produções gráficas, pelas narrativas e deslocamentos possíveis, ele começa a falar e a desenhar mais livremente sobre o seu mal-estar e diz se sentir bem, o questiono e ele conta sobre esta sensação de bem estar, fala sobre não sentir mais vergonha da professora e dos colegas na escola, que agora poderia ler os textos em aula quando solicitado, comemora por ter conquistado mais amigos e de não ter mais vergonha de olhar para as pessoas, por fim, conta não sentir mais a sensação de ter algo trancado na garganta. A partir desta vinheta clínica, percebemos, que o menino se sente tão transformado e livre que não é tão somente seu discurso que é atravessado por esta mudança de posição subjetiva, mas também sua imagem corporal. Convido-o a fazer um desenho livre, sem muito pensar, pega o lápis e com movimentos leves e suaves produz um grande cisne, sustentando que mesmo às tentativas alienantes e fantasiosas da família adotiva acerca do apagamento e substituição de corpos, as marcas psíquicas que lhe foram transmitidas e fundamentais na estruturação de sua

imagem inconsciente de corpo, não podem ser substituídas, nem tão pouco apagadas.

Conforme Corso e Corso (2006), patinho feio é um dos primeiros heróis modernos escritos para crianças, seu drama baseia-se num persistente sentimento de rejeição, onde a luta vai contra o desamparo e a desesperança. No desenho, assim como na história infantil, há uma identificação do menino com o “calvário do cisnezinho”, ele consegue traduzir no desenho do cisne, a angústia que foi cair no ninho que não era o seu, bem como a autodescoberta de perceber-se cisne em uma família de patos.

Desse modo pode encarnar e reorganizar, sem qualquer tipo de ameaça, seu antigo vivido corporal. “Então, ao curvar a cabeça [...] ele se viu no espelho das águas, descobrindo que havia transformando-se no mais belo dos cisnes.” (CORSO; CORSO, 2006, p. 33).

O segundo exemplo trata de uma menina, também em idade escolar, que chega ao consultório com diagnóstico “de transtorno de ansiedade com agorafobia e crise de pânico” (sic), realizados por profissionais da rede municipal em que reside. Faz uso de medicações para o diagnóstico recebido há mais de dois anos, no entanto, não tem sucesso no tratamento de seus sintomas e inibições.

As queixas trazidas pela família e pela escola são de que a menina não se dispõe a ficar na escola, pois apresenta uma série de comportamentos os quais muitas vezes são inexplicáveis ao entendimento da medicina. Apresenta crises de choro, diz sentir recorrentes dores pelo corpo e cabeça, já fora consultada por diferentes profissionais da saúde, bem como submetida a inúmeros exames clínicos em distintas especificidades, no entanto, todas tentativas parecem levar a uma mesma resposta, o corpo que sofre e que está em jogo, não diz respeito ao corpo biológico, mas, sim, ao corpo representado psiquicamente.

A mãe pontua que sua filha desde muito pequena apresenta uma série de comportamentos estranhos, como medo de ficar em lugares rodeados de muitas pessoas, choros frequentes e uma dependência muito grande para com ela. Muitos são os relatos que demonstram a angústia da menina frente à separação com sua mãe e é evidente o receio de que a mãe venha a se interessar por outra pessoa. Outra vinheta que evidencia sua angústia é na dominação fálica sobre a mãe, que fala sobre quando precisa sair para pagar uma conta, a filha não pode ficar sabendo,

ela precisa de garantias que sua mãe esteja em casa, para o acaso de ela precisar solicitar pela mãe.

Inicialmente aos atendimentos, a menina apresenta demasiada inibição, verbaliza pouco, somente o que lhe é questionado. Asseguro-me do seu desejo em seguir o tratamento perguntando-lhe sobre as questões que a incomoda, ela tão logo responde sentir medo de ficar na escola sozinha, medo de ficar doente na escola, de comer o lanche e vomitar.

Nas sessões deixo que a menina fale livremente, faça desenhos ou modelagens, o que ela preferir. Ela decide pelo desenho, faz uma árvore de tronco imenso com galhos que invadem as bordas da folha, um sol encoberto por nuvens e uma minúscula flor ao lado da árvore. O narra dizendo que a árvore faz menção a mãe, a pequena flor a representa, e o sol encoberto pelas nuvens faz alusão ao pai.

Diante disso, a partir do seu discurso e desta produção gráfica, podemos observar o cerne principal de seu conflito, ela se vê como um pequeno vegetal, a flor da mesma espécie que a mãe, a qual representada pelo significante árvore. Acrescentamos aqui uma figura extremamente fálica, ela tem a mãe como representante do falo, a qual idealizada por ela, enquanto o pai (sol encoberto) velado pouco se nota.

Este desenho lido e interpretado a partir da transferência entre paciente/terapeuta e imerso pelo discurso da menina denuncia as queixas trazidas pela mãe inicialmente, sobre a posição de dependência da filha para com ela, bem como demonstra a fragilidade da inscrição do nome-do-pai, o qual não se faz lei nesta família. Sabemos que a criança projeta no desenho aquilo que pertence a si, suas internalizações simbolizadas e suas identificações. Está claro, nas produções gráficas da menina, a representação simbólica que ela dá a ver acerca de sua imagem do corpo, a qual impregnada pelo excesso de presença da mãe e pela fragilidade da função paterna.

Baseado nos pressupostos psicanalíticos sobre a infância, sabemos que é característico das crianças traduzirem suas fantasias através das mais variadas formas de expressão, como é o exemplo da linguagem gráfica, da modelagem e do brincar. Conforme Dolto e Roudinesco (1989), são estas diferentes formas de expressão da linguagem, que as provocavam a narrar suas fantasias.

Embora permaneça uma certa estereotipia dos elementos utilizados nas ilustrações seguintes, árvore/mãe e sol/pai, pela qual demonstra a escassez

relacional em seu entorno e a centralização na unidade familiar. As indicativas de transformação na menina ocorreram em razão de uma série de mudanças advindas, tanto de um deslocamento de posição subjetiva de sua parte, quanto de sua família.

A intervenção direcionada também à família, particularmente à mãe, no sentido de orientar quanto a importância do desenvolvimento da autonomia da menina, a mãe passou a resistir às tentativas de sedução da filha, afirmando-lhe seu lugar de filha e exigindo que ela deixasse o quarto dos pais, estimulando-a a buscar novas amizades, bem como assegurou ao pai seu papel de esposo e pai. A partir disso, podemos perceber nos desenhos, as evidências de uma função paterna que começa a personificar-se, o sol antes encoberto pelas nuvens, agora radiante, transformado e aumentado visualmente ocupa uma posição central à cena familiar.

Desse modo, ela começa a elaborar seus conflitos e fala livremente por meio desta linguagem particularmente gráfica. Assim, como um movimento de água pintada em seu desenho, nos parece evidenciar que ela desliza sobre a condição transferencial na tentativa de livrar-se de seus sintomas e inibições.

Nos desenhos, representa isso com o decrescente tamanho a cada representação da mãe/árvore, que não só muda de tamanho como também de lugar, vai para o lado oposto da folha, enquanto que o pai/sol se faz presente cada vez mais em suas representações. Se anteriormente descrevia um pai velado pelas nuvens que o encobriam, agora assume uma posição de valor, é um sol que não cabe no desenho pela vastidão proporcional. E sua própria imagem inconsciente do corpo se, antes representante de um pequeno vegetal, uma muda a sombra de sua mãe, desta vez floresce, desabrocha e cada vez mais emerge como um sujeito desejante e descolado da mãe. Nas últimas produções a menina dá provas acerca da organização de sua imagem inconsciente do corpo, distribui as figuras de uma forma bastante reflexiva quanto à elaboração de seus conflitos.

Traduz, a partir daí seu descolamento integral com sua mãe, projetando-se como semelhante à mãe (árvore) e não à sua sombra. Há também novas relações, as flores, como conta ela, são as amigas que acabara de fazer na escola e as quais ela tem frequentado suas casas, ela acaba de perceber que existe um universo curioso a ser descoberto fora da unidade familiar.

Conforme Dolto (2015, p. 1), as crianças “[...] gostam de contar aquilo que suas mãos traduziram de seus fantasmas, verbalizando, assim, o que desenharam e modelaram a quem escuta”. E é desta forma que convém sustentar e escutar os

desenhos realizados em meio a transferência. Neste sentido, as produções da menina foram interpretadas como sendo seus verdadeiros fantasmas representados, e de onde são decodificáveis suas estruturas do inconsciente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, verificou-se a importância das inscrições e dos investimentos portadores de mensagens, os quais transmitidos por aqueles que exercem a função parental na estruturação da imagem inconsciente do corpo da criança.

Conforme Jerusalinsky (2011), são as formações da filiação, da sexuação e identificação que constituem na fantasia, o que se chama demanda do Outro. A criança pequena está sujeitada a diversas formas de demanda do Outro, e tem que responder de algum modo a essa demanda, “[...] se não está pronto, não tem nenhuma possibilidade de realização e não tem nenhuma garantia a respeito do amor do Outro.” (JERUSALINSKY, 2011, p. 47).

Como observamos nas vinhetas clínicas apresentadas, as duas crianças não conseguiam lidar com as demandas que lhes eram atribuídas, sem condições para respondê-las, o sintoma emerge como uma forma de resposta não-respondida. Sabe-se, desde Freud, que o sintoma é um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu recalcada (MEIRA, 2004).

Se, por um lado, o menino teve sua imagem inconsciente corporal desorganizada em razão da tentativa de alienação pela família adotiva em fazê-lo substituto de um filho que já havia morrido, por outro lado mostra que sua mãe biológica, antes de lhe entregar a esta família, conseguiu dar o suporte necessário para que ele estruturasse sua imagem (como cisne). Todavia, a menina foi organizar-se tão somente em meio ao tratamento clínico. O excesso de presença da mãe agiu como impeditivo para que ela, até o momento, desenvolvesse autonomia e saísse de sua sombra.

Sobre a sustentação dos desenhos, enquanto recurso técnico, para elaboração e organização da imagem inconsciente do corpo da criança, bem como sua interpretação a partir de uma relação transferencial consistente entre paciente/terapeuta, Dolto (2015) enfatiza que é o que há de particular na análise de crianças, aquilo que é decifrado nos adultos a partir de suas associações de ideias,

“[...] nas crianças, por aquilo que dizem sobre os grafismos e as composições plásticas, suportes de seus fantasmas e de suas fabulações em sua relação de transferência.” (DOLTO, 2015, p. 2).

Conclui-se, portanto, que, além de gerar uma importante discussão acerca das funções das imagens constituintes do corpo no processo de constituição do sujeito e de seus efeitos estruturantes no desenvolvimento psíquico, este estudo, de certa forma, pretendeu promover uma reflexão em torno da importância de uma escuta clínica sensível frente ao desvelar da imagem inconsciente do corpo na prática clínica com crianças enquanto um campo riquíssimo de possibilidades no tratamento.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Psicanálise da criança**: teoria e técnica. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 1982.

CAPOBIANCO, C. S. M, **O corpo em off**: a doença e as práticas psi na pediatria hospitalar. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

CORSO, D. L.; CORSO. M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOLTO, F. **A imagem Inconsciente do corpo**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DOLTO, F. Meu reconhecimento a Sophie Morgenstern. In: NASIO, J. D. (org.). **O silêncio na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1989] 2010, p. 25-40.

DOLTO, F.; NASIO, J. D. **A criança no espelho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DOLTO, F.; ROUDINESCO. Elementos para uma história: uma conversa. In: CIFALLI, M. (org.). **Seguindo os passos de Françoise Dolto**. Campinas, SP: Papirus, 1989, p. 9-26.

FERREIRA, J. B. Palavras do Silêncio. **Caderno de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v.31, n. 22, p. 13-36, 2009. Disponível em: <http://www.cprj.com.br/imagens/cadernos/03.PALAVRAS_DO_SILENCIO.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2018.

FREUD, S. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

JERUSALINSKY, A. A formação da imagem corporal (Psicanálise e Psicomotricidade). **Escritos da criança**, n.º 3. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 1990.

JERUSALINSKY, A. **Para compreender a criança**: chaves psicanalíticas. São Pedro: Instituto Langage, 2011.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor**: do nascimento até 6 anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LEDOUX, M. H. Introdução à obra de Françoise Dolto. In: NASIO, J. D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 203-246.

LEVIN, E. **A função do filho**: espelhos e labirintos da infância. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MEIRA, Y. M. **As estruturas clínicas e a criança**. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

NASIO, J. D. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SILVA, M. M. de S. Construção do corpo: implicações em um caso de psicose infantil. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 103-115, jun. 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60722/63771>>. Acesso em: 04 fev. 2018.